

Um conto de
H. P. LOVECRAFT

Ilustrado por
FRANÇOIS BARANGER

O D E S P E R T A R D E
C T H U L H U

Tradução de
JOÃO CATARINO



I

O HORROR EM BARRO

Penso que a coisa que mais alívio nos traz, neste mundo, seja a incapacidade da mente humana em correlacionar todos os seus conhecimentos.

Vivemos numa plácida ilha de ignorância, no meio de mares negros de infinito, e não nos foram destinadas longínquas viagens. As ciências, cada uma tentando defender a sua posição, prejudicaram-nos pouco até agora; mas um dia, a união de conhecimentos dissociados irá revelar-nos perspectivas tão terríveis da realidade, e da nossa assustadora posição nela, que enlouqueceremos devido a essa revelação, ou fugiremos dessa luz fatal para a paz e segurança de uma nova idade das trevas.

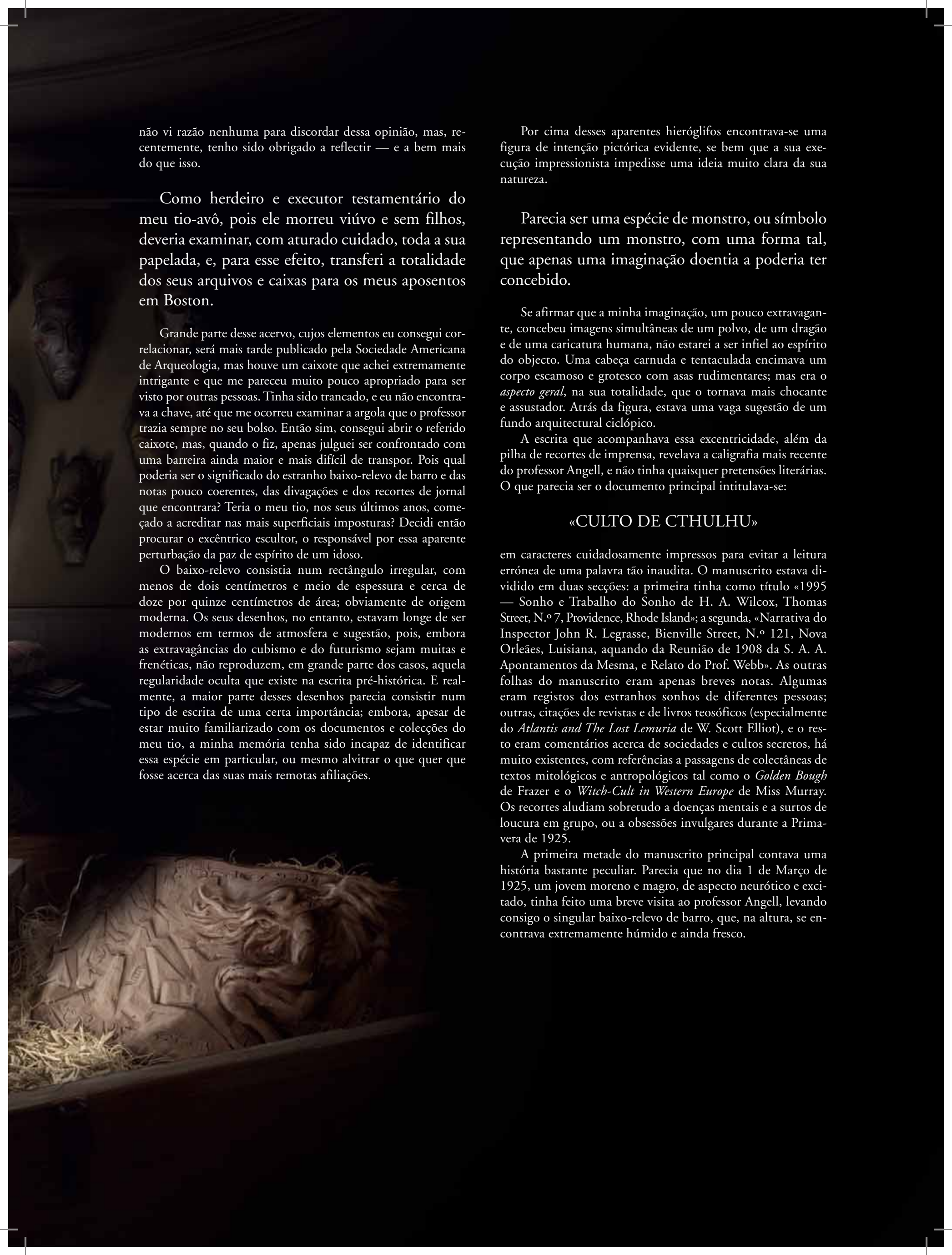
Os teósofos perscrutaram a pavorosa grandeza do ciclo cósmico, no qual o nosso mundo e a raça humana são apenas incidentes transitórios. Sugeriram a existência de estranhas sobrevivências, em termos que nos gelariam o sangue, caso estes não fossem disfarçados por um brando optimismo. Mas não foi através deles que nos chegou esse vislumbre único de eternidades proibidas, que me arrepia e me enlouquece, quando nele penso ou sonho. Esse vislumbre, como todos os aterrorizadores vislumbres da verdade, revelou-se subitamente a partir de uma união accidental de coisas distintas — neste caso, um velho artigo de jornal e as notas de um falecido professor. Espero que mais ninguém consiga realizar semelhante união; certamente,

enquanto for vivo, nunca hei-de fornecer, intencionalmente, um elo para uma sequência tão medonha. Penso que o professor também pretenderia manter-se em silêncio, em relação ao que sabia, e que teria destruído as suas notas, não fosse uma morte repentina dele se ter apoderado.

O meu conhecimento do caso começou no Inverno de 1926-1927, logo após a morte do meu tio-avô George Gammel Angell, Professor Emérito de Línguas Semíticas na Universidade de Brown, Providence, Rhode Island. O professor Angell era extremamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas, e fora repetidamente consultado pelos directores dos museus mais conceituados. De modo que o seu falecimento, aos noventa e dois anos, ainda é recordado por muitos. Na localidade onde morava, o interesse público intensificou-se, dada a obscura causa da sua morte. O professor fora atacado subitamente, quando regressava de Newport, num barco de carreira, caindo subitamente, tal como afirmaram as testemunhas, após ter sido empurrado violentamente por um negro, com aspecto de marinheiro, que surgira de um dos suspeitos becos escuros, na íngreme ladeira que formava um atalho, desde a margem até à casa do falecido, na William Street. Os médicos foram incapazes de descobrir qualquer anomalia visível, mas concluíram, após um aceso debate, que qualquer obscura lesão cardíaca, originada pela enérgica subida de uma tão íngreme ladeira por um homem de tão avançada idade, fora responsável pelo sucedido. Nessa altura







não vi razão nenhuma para discordar dessa opinião, mas, recentemente, tenho sido obrigado a reflectir — e a bem mais do que isso.

Como herdeiro e executor testamentário do meu tio-avô, pois ele morreu viúvo e sem filhos, deveria examinar, com aturado cuidado, toda a sua papelada, e, para esse efeito, transferi a totalidade dos seus arquivos e caixas para os meus aposentos em Boston.

Grande parte desse acervo, cujos elementos eu consegui correlacionar, será mais tarde publicado pela Sociedade Americana de Arqueologia, mas houve um caixote que achei extremamente intrigante e que me pareceu muito pouco apropriado para ser visto por outras pessoas. Tinha sido trancado, e eu não encontrava a chave, até que me ocorreu examinar a argola que o professor trazia sempre no seu bolso. Então sim, consegui abrir o referido caixote, mas, quando o fiz, apenas julguei ser confrontado com uma barreira ainda maior e mais difícil de transpor. Pois qual poderia ser o significado do estranho baixo-relevo de barro e das notas pouco coerentes, das divagações e dos recortes de jornal que encontrara? Teria o meu tio, nos seus últimos anos, começado a acreditar nas mais superficiais imposturas? Decidi então procurar o excêntrico escultor, o responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um idoso.

O baixo-relevo consistia num rectângulo irregular, com menos de dois centímetros e meio de espessura e cerca de doze por quinze centímetros de área; obviamente de origem moderna. Os seus desenhos, no entanto, estavam longe de ser modernos em termos de atmosfera e sugestão, pois, embora as extravagâncias do cubismo e do futurismo sejam muitas e frenéticas, não reproduzem, em grande parte dos casos, aquela regularidade oculta que existe na escrita pré-histórica. E realmente, a maior parte desses desenhos parecia consistir num tipo de escrita de uma certa importância; embora, apesar de estar muito familiarizado com os documentos e colecções do meu tio, a minha memória tenha sido incapaz de identificar essa espécie em particular, ou mesmo alvitrar o que quer que fosse acerca das suas mais remotas afiliações.

Por cima desses aparentes hieróglifos encontrava-se uma figura de intenção pictórica evidente, se bem que a sua execução impressionista impedisse uma ideia muito clara da sua natureza.

Parecia ser uma espécie de monstro, ou símbolo representando um monstro, com uma forma tal, que apenas uma imaginação doentia a poderia ter concebido.


Se afirmar que a minha imaginação, um pouco extravagante, concebeu imagens simultâneas de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não estarei a ser infiel ao espírito do objecto. Uma cabeça carnuda e tentaculada encimava um corpo escamoso e grotesco com asas rudimentares; mas era o *aspecto geral*, na sua totalidade, que o tornava mais chocante e assustador. Atrás da figura, estava uma vaga sugestão de um fundo arquitectural ciclópico.

A escrita que acompanhava essa excentricidade, além da pilha de recortes de imprensa, revelava a caligrafia mais recente do professor Angell, e não tinha quaisquer pretensões literárias. O que parecia ser o documento principal intitulava-se:

«CULTO DE CTHULHU»

em caracteres cuidadosamente impressos para evitar a leitura errónea de uma palavra tão inaudita. O manuscrito estava dividido em duas secções: a primeira tinha como título «1995 — Sonho e Trabalho do Sonho de H. A. Wilcox, Thomas Street, N.º 7, Providence, Rhode Island»; a segunda, «Narrativa do Inspector John R. Legrasse, Bienville Street, N.º 121, Nova Orleães, Luisiana, aquando da Reunião de 1908 da S. A. A. Apontamentos da Mesma, e Relato do Prof. Webb». As outras folhas do manuscrito eram apenas breves notas. Algumas eram registos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas; outras, citações de revistas e de livros teosóficos (especialmente do *Atlantis and The Lost Lemuria* de W. Scott Elliot), e o resto eram comentários acerca de sociedades e cultos secretos, há muito existentes, com referências a passagens de colectâneas de textos mitológicos e antropológicos tal como o *Golden Bough* de Frazer e o *Witch-Cult in Western Europe* de Miss Murray. Os recortes aludiam sobretudo a doenças mentais e a surtos de loucura em grupo, ou a obsessões invulgares durante a Primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história bastante peculiar. Parecia que no dia 1 de Março de 1925, um jovem moreno e magro, de aspecto neurótico e excitado, tinha feito uma breve visita ao professor Angell, levando consigo o singular baixo-relevo de barro, que, na altura, se encontrava extremamente húmido e ainda fresco.



No seu cartão-de-visita lia-se o nome Henry Anthony Wilcox, e o meu tio reconheceu-o como sendo o filho mais novo de uma família distinta que ele conhecia vagamente. Wilcox andara recentemente a estudar escultura na Escola de Design de Rhode Island, vivendo sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, perto dessa mesma instituição. Tratava-se de um jovem precoce de génio reconhecido mas de uma grande excentricidade e, desde a infância, atraía as atenções, devido a estranhas histórias e sonhos invulgares que tinha o hábito de relatar. Denominava-se a si próprio «psiquicamente hipersensível», mas a população sensata da antiga cidade comercial ignorava-o, por ser simplesmente «esquisito». Nunca se misturando muito com as pessoas do seu meio, renunciara gradualmente à visibilidade social e era agora apenas conhecido por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até o Providence Art Club, ansioso por preservar o seu conservadorismo, o achara um caso perdido.


Por ocasião dessa visita, rezava o manuscrito do professor, o escultor apressara-se a solicitar o benefício do conhecimento arqueológico do seu anfitrião, para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Falou de um modo sonhador e pomposo que sugeria uma certa pose e uma simpatia distante. O meu tio mostrou alguma perspicácia na sua resposta, pois a frescura conspícua da placa implicava afinidades com tudo menos com a arqueologia. A resposta do jovem Wilcox, que impressionou

suficientemente o meu tio para que ele se lembrasse de a registar literalmente, era de um tom fantasticamente poético, que deveria ter tipificado toda a sua conversa e que eu descobri, desde essa altura, ser muito característico do jovem. Este disse: «É nova, de facto, pois fi-la ontem à noite durante um sonho cheio de cidades estranhas; e os sonhos são mais velhos do que a absorta Tiro ou a Esfinge contemplativa, ou do que Babilónia rodeada de jardins.»

Foi então que ele deu início àquela história desconexa que repentinamente incidiu sobre uma memória adormecida e conquistou o interesse febril do meu tio. Tinha ocorrido um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais fortemente sentido em Nova Inglaterra, desde há alguns anos, e a imaginação de Wilcox tinha sido intensamente afectada.

Após ter-se retirado para o seu quarto, tivera um sonho sem precedentes de grandiosas cidades ciclópicas, de blocos titânicos e monólitos projectados para o céu, todos a escorrer um lodo verde, e sinistros com o seu horror latente.

Os hieróglifos tinham coberto as paredes e os pilares, e, de algum indeterminado ponto inferior, surgira uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que apenas a imaginação



poderia transmutar em som, mas que ele tentou exprimir pela quase impronunciável mistura de letras:

«*Cthulhu fhtagn*».

Esta confusão verbal era a chave que despertara a recordação que entusiasmara e perturbara o professor Angell. Este interrogou o escultor recorrendo a requintes de uma minúcia científica, estudando com uma intensidade quase frenética o baixo-relevo no qual o jovem dera por si a trabalhar, enregelado e vestido apenas com as roupas de dormir, quando de súbito acordara, muito confuso. O meu tio culpava a sua idade avançada, disse mais tarde Wilcox, pela sua lentidão em reconhecer quer os hieróglifos quer o desenho pictórico. Para o visitante, muitas das suas perguntas pareceram-lhe imensamente deslocadas, especialmente aquelas que tentavam ligá-lo a estranhos cultos ou sociedades. Wilcox não conseguira compreender as repetidas promessas de silêncio que lhe fizeram, em troca da sua admissão como membro em alguma seita mística ou religião pagã bastante difundida. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor ignorava, de facto, qualquer culto ou sistema de conhecimento secreto, pressionou o seu visitante com exigências de futuros relatos de sonhos. Isto proporcionou-lhe um proveitoso aumento de dados, pois, após a primeira entrevista,

o manuscrito regista breves visitas diárias do jovem, durante as quais ele relatava fragmentos aterradores de um imaginário nocturno, cujo tema era sempre alguma terrível visão ciclópica de pedras escuras e gotejantes, em que uma voz ou inteligência subterrânea gritava, monotonamente, através de impulsos de um sentido enigmático, impossíveis de registar senão como sons inarticulados. Os dois sons mais frequentemente repetidos eram aqueles traduzidos pelas letras «*Cthulhu*» e «*R'lyeh*».

No dia 23 de Março, segundo a continuação do manuscrito, Wilcox não aparecera, e as buscas feitas aos seus aposentos revelaram que ele tinha sido atacado por uma espécie de febre obscura e conduzido a casa da sua família, na Waterman Street. Tinha chorado copiosamente durante a noite, despertando muitos outros artistas no edifício, e manifestara, desde então, apenas alternâncias entre um estado de inconsciência e um certo delírio. O meu tio telefonou imediatamente à família e, desse momento em diante, manteve uma apertada vigilância no que respeitava ao seu caso, ligando frequentemente para o consultório do Dr. Tobey, na Thayer Street, que ele ficou a saber estar encarregado de tudo. A mente febril do jovem estava aparentemente obcecada por coisas estranhas, e o médico estremecia, por vezes, quando ele as mencionava. Estas incluíam não só uma repetição do que ele anteriormente sonhara, mas aludiam também, de um modo

descontrolado, a uma coisa gigantesca, «altíssima», que andava ou se arrastava de um lado para o outro. Ele nunca descreveu completamente esse objecto, mas as palavras frenéticas e ocasionais, repetidas pelo Dr. Tobey, convenceram o professor de que se deveria tratar de algo idêntico à monstruosidade indefinível que ele procurara representar na sua escultura, feita a partir do sonho. A referência a esse objecto, acrescentou o médico, era invariavelmente um prelúdio, após o qual o jovem mergulhava na mais completa letargia. A sua temperatura, por estranho que nos pudesse parecer, nunca subia muito acima do normal; mas, por outro lado, a sua condição geral sugeria uma febre verdadeira em vez de uma perturbação mental.

No dia 2 de Abril, cerca das três da tarde, todos os vestígios da doença de Wilcox cessaram subitamente. Sentou-se direito na cama, surpreendido por se ver em casa, e ignorando completamente o que tinha acontecido, em sonhos ou na realidade, desde a noite de 22 de Março. Três dias após o médico o ter achado bem de saúde, regressou a sua casa; mas, para o professor Angell, ele deixara de ter qualquer interesse. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham desaparecido, com o seu restabelecimento, e o meu tio não manteve mais nenhum registo dos seus pensamentos nocturnos, após uma semana de relatos, inúteis e irrelevantes, de visões perfeitamente vulgares.

Aqui acabava a primeira parte do manuscrito, mas as referências a algumas das notas dispersas deram-me muito em que pensar, tanto, de facto, que apenas o cepticismo inveterado, que até então dava forma à minha filosofia, poderia explicar a minha total falta de confiança no artista. As notas em questão eram aquelas que descreviam os sonhos de várias pessoas, abrangendo o mesmo período em que o jovem Wilcox tivera as suas estranhas visitas. O meu tio, segundo levava a crer, tinha rapidamente instaurado uma prodigiosa e extensa série de inquéritos, entre quase todos os amigos que ele poderia interrogar sem se mostrar impertinente, pedindo-lhes relatos nocturnos dos seus sonhos e as datas de quaisquer visões assinaláveis que pudessem ter tido, desde há já algum tempo. A recepção ao seu pedido parece ter sido variada; mas ele deveria, no mínimo, ter recebido mais respostas do que aquelas sobre as quais qualquer homem comum poderia ter trabalhado, sem a ajuda de uma secretária. Esta correspondência original não foi preservada, mas as suas notas formavam um resumo minucioso e realmente significativo. O resultado, entre as demais pessoas da sociedade e dos negócios, da tradicional «fina-flor» de Nova Inglaterra, foi praticamente negativo, embora alguns casos dispersos de inquietação, mas de informes impressões nocturnas, tivessem surgido, aqui e ali, sempre entre 23 de Março e 2 de Abril, o período de delírio do jovem Wilcox. Os cientistas foram um pouco mais afectados, ainda que em quatro casos de vagas descrições sugerissem vislumbres fugitivos de estranhas paisagens, e num deles fosse mencionado o medo de algo anormal.

Foi da parte dos artistas e dos poetas que as respostas pertinentes vieram, e eu sei que o pânico se teria espalhado, caso eles tivessem tido a possibilidade de comparar notas. Assim sendo e faltando-me as suas cartas originais, quase suspeitei do facto de o compilador ter feito perguntas capciosas, ou de ter revisto e seleccionado a correspondência, para que esta corroborasse aquilo que ele, de um modo latente, se tinha proposto descobrir. Foi por isso que continuei a ter a sensação de que Wilcox, tendo de algum modo conhecimento dos antigos dados na posse do meu tio, estivera a enganar o experiente cientista. As respostas dos estetas contavam uma história perturbante. Desde 28 de Fevereiro até 2 de Abril, uma grande percentagem deles sonhara com coisas bastante bizarras, sendo a intensidade dos sonhos incomensuravelmente maior durante o período de delírio do escultor. Mais de um quarto

daqueles que fizeram relatos, referiu cenas e sons vagos não muito diferentes daqueles que Wilcox descrevera anteriormente. Alguns dos que tinham sonhado confessaram um medo extremo da coisa gigantesca e indescritível de que se aperceberam por último. Um dos casos, que a nota descreve enfaticamente, era muito triste.

O sujeito, um arquitecto bastante conhecido com propensões para a teosofia e para o ocultismo, enlouquecera violentamente na data do acesso do jovem Wilcox e morrera alguns meses mais tarde, após gritos incessantes para que o salvassem de um ser que escapara do inferno.

Se o meu tio se tivesse referido a esses casos por nomes, em vez de ter usado meros números, eu teria tentado encontrar alguma corroboração com os factos e tê-los-ia investigado pessoalmente; desse modo, apenas consegui encontrar alguns. Todos eles, no entanto, confirmavam plenamente as notas. Já me perguntei várias vezes se todas as pessoas que responderam ao inquérito do professor se terão sentido tão desorientadas como esse pequeno número de interrogados se sentira. Ainda bem que nenhuma explicação lhes será dada.

Os recortes de jornal, tal como referi, incidiam em casos de pânico, obsessão e excentricidade durante o referido período. O professor Angell deveria ter contratado um serviço de recortes, pois o número de trechos era tremendo e as fontes espalhavam-se por todo o globo. Aqui estava um suicídio nocturno em Londres, onde um homem solitário que se encontrava a dormir saltara de uma janela, após ter dado um grito aterrador. Aqui, do mesmo modo, uma carta sem grande coerência para um editor de um jornal na América do Sul, onde um fanático predizia um futuro terrível a partir de visões que tivera. Um despacho da Califórnia descreve uma colónia de teósofos, todos envergando trajos brancos para uma possível «gloriosa gratificação» que ainda não chegou, enquanto notícias da Índia falam cautelosamente de uma séria sublevação de nativos para os finais de Março. As orgias de vodu multiplicam-se no Haiti e os entrepostos africanos relatam balbucios abomináveis. Os agentes americanos que se encontram nas Filipinas crêem que certas tribos se tornaram incomodativas, por esta altura, e os polícias de Nova Iorque são atacados por levantinos históricos, na noite de 22 para 23 de Março. De um modo semelhante, o oeste da Irlanda encheu-se de rumores selvagens e de lendas, e um pintor de temas fantásticos, chamado Ardois-Bonnot, expõe uma blasfema *Paisagem de Sonho* no Salão da Primavera de 1926, em Paris. E são tantos os problemas registados nos asilos mentais, que apenas um milagre pôde ter evitado que a fraternidade médica não reparasse nos estranhos paralelismos e não chegasse a conclusões intrigantes. Em suma, tratava-se de uma estranha pilha de recortes. Actualmente, é com dificuldade que consigo contemplar o rígido racionalismo que me levou a pô-los de parte. Mas nessa altura, estava convencido de que o jovem Wilcox tinha conhecimento dos velhos assuntos que o professor mencionara.